TL 7174

CNRM-PALINTIL

Reverência
Senhor Bispo D. Ximenes Belo

Saudações em Cristo.

É com verdadeira emoção e orgulho que venho saudar um valioso filho de Timor-Leste, galardoado com o Prémio Nobel da Paz. Nesta hora em que o mundo aclama D. Ximenes Belo, eu quero, em nome do Povo de quem somos filhos e em nome de toda a Resistência Timorense, dar a si um abraço caloroso e sincero de felicitação de irmão e compatriota.

Regozijamo-nos com a Igreja de Timor-Leste que hoje é também homenageada na pessoa de Vossa Reverência. Apesar de os seus membros também serem perseguidos, a Igreja de Timor-Leste sempre soube ser o santuário moral e político de que o nosso Povo necessitava. O dia de hoje é um dia na história de Timor-Leste, ao mesmo tempo de regozijo e de reflexão. E eu sei que D. Ximenes Belo dirá como sempre tem dito: Quem ganha com isto é o Povo Timorense, pois é ele quem sofre e necessita da Paz!

Mais do que a fé que nos liga, é a sorte deste pequeno Povo da meia-ilha a que chamamos Pátria, é que nos une. Une-nos nas orações, une-nos nas aflições do dia-a-dia, une-nos nesse sofrimento e dôr de 20 anos de guerra, une-nos, portanto, um ideal!

Se a justiça é moral cristã, o direito é moral social; se a paz é também moral cristã, a liberdade é um padrão social. Nunca a justiça foi justiça se o direito é espezinhado, nem nunca uma paz pode ser paz onde a liberdade é destruída!

É este o ideal que nos une na terra das lágrimas, pátria-mãe de filhos generosos que nunca se vergaram às pressões do poder, que nunca se intimidaram perante a lei de terror do Estado indonésio.

Com as Nações Unidas, celebrando o seu meio-século de existência, o Prémio Nobel da Paz, concedido a D. Ximenes Belo quer lembrar ao mundo e à Indonésia que o desenvolvimento físico não vale mais que os valores morais que as sociedades ergueram e os tornaram universais.

Com as Nações Unidas no seu 50º ano de gigantescos esforços na preservação da paz mundial, o Prémio Nobel da Paz, concedido a um filho de Timor-Leste, lembra ao mundo que, por causa dos interesses económicos, os países ocidentais têm apoiado a Indonésia no genocídio cometido contra o Povo Maubere, ou vendendo armamento e treinando oficiais indonésios para ir massacrar a população ou estreitando as relações em ajudas financeiras ou comportando-se indiferentemente face ao problema.

Assim, esta merecida imagem é produto da intrepidez e coragem de V. Reverência na defesa da Paz. Mas a Paz não pode ir só, a Paz não é uma benção nem uma acção de graça. A Paz significa, para o nosso mil vezes querido Povo, a recuperação plena do seu direito, a devolução incondicional da sua liberdade e a garantia segura da sua justiça.

A Paz tem estes pressupostos políticos. Não pode haver Paz no nosso torrão natal, se as forças de ocupação indonésias se mantiverem lá, perseguindo, ameaçando, prendendo, torturando e massacrando a população. Não pode haver Paz nos lares timorenses, se se nega ao nosso povo os padrões da liberdade nem pode haver Paz em cada coração timorense se o seu direito continua a ser violado. Não pode haver Paz em cada alma timorense se a cultura e a fé do nosso Povo continuarem a ser amesquinhadas.

O Prémio Nobel da Paz concede a D. Ximenes Belo um púlpito especial para defender a causa do nosso Povo. Nesta homenagem, V. Reverência representa tudo o que o nosso Povo sente e quer.

Sente o orgulho de possuir um filho, merecedor de respeito, porque se bateu pela Justiça e pela Paz e quer que D. Ximenes Belo continue a batalhar mais do que nunca na defesa do seu fundamental direito à auto-determinação e independência nacional.

Sente orgulho pelo filho que soube alertar o mundo de que 'estamos a morrer como Povo e como Nação' e quer que D. Ximenes Belo continue intransigente a defender o referendum como a única via para pôr termo aos seus sofrimentos.

Num tempo em que os conflitos se vão resolvendo, através do diálogo, vamos continuar a convidar Jacarta ao diálogo sem pre-condições. O Plano de Paz do CNRM mantém-se como o instrumento mais válido e realista para viabilizar a Paz, verdadeira e duradoura, em Timor-Leste.

Num conflito que já dura 20 anos, merecendo apenas o desinteresse das potências ocidentais, continuamos seguros, no entanto, de que Portugal, como potência administrante, não só nunca alijará as suas responsabilidades com

tituciouais como se manterá firme na defesa do direito do Povo de Timor-Leste na auto-determinação e independência nacional.

Foi sempre nossa convicção de que Timor-Leste é uma questão nacional portuguesa, com um carácter jurídico e político inalienável. E foi, sob este carácter, que o Partido Socialista soube tão bem interpretar, já que a solução do problema de Timor-Leste pertencerá sempre a todos os portugueses.

O Presidente da República, D.r Mário Soares, foi peremptório no seu discurso, perante o Sec.-Geral da ONU, recentemente em Lisboa, quando passando em revista o carácter colonizador de Portugal no passado, afirmou a sua missão descolonizadora, nestes últimos 21 anos, uma obrigação que cabe essencialmente à ONU.

Com a mesma firmeza, o Secretário-Geral do Partido Socialista, D.r António Guterres, afirmou, nas suas primeiras declarações, após a elegante vitória nas eleições de 1 de Outubro, que, sendo Timor-Leste uma matéria de consenso nacional, o governo socialista não só respeitará os compromissos já feitos pelo anterior governo como tudo fará para que se faça melhor ainda do que fora feito.

Isto não é uma promessa mas uma certeza! Cabe portanto a nós, os Timorenses, fazer também tudo ao nosso alcance em apoio às obrigações que Portugal assumiu perante a Comunidade Internacional.

O Prémio Nobel da Paz, concedido a V. Reverência só terá o seu justo valor, se isto une os Timorenses a alcançar a Paz que o nosso Povo tanto almeja.

Com consideração e estima.

Pel'O CNRM

KAY RALA XANANA GUSMÃO
Comandante das FALINTIL

Prisão de Cipinang, de Outubro de 1995.